

REPRESENTAÇÕES MONUMENTAIS EM GOIÂNIA-GO: INTERFACE ENTRE CIDADE PLANEJADA E IMAGINÁRIO URBANO¹

REPRESENTATIONS MONUMENTAL IN GOIÂNIA-GO: INTERFECE BETWEEN PLANNED CITY AND URBAN IMAGINARY

RAFAEL CAIQUE DA SILVA SANTOS ARANTES

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (IESA/UFG)

rafaelcaiquearantes@gmail.com

73

Resumo: O presente artigo pretende abordar as representações monumentais da paisagem da cidade de Goiânia a partir da compreensão da memória urbana e da construção de seu imaginário. Nesta perspectiva, fizemos um recorte espacial na Praça Cívica interpretando os principais elementos de sua paisagem, que é considerada o marco inicial da construção da nova capital do estado de Goiás na década de 1930. Com esta investigação, percebemos que a Praça possui símbolos que assimilam a interface espaço-temporal em Goiânia através de algumas representações monumentais.

Palavras-Chave: Representações Monumentais. Paisagem Urbana. Goiânia.

Abstract: This article aims to address the monumental representations of the landscape of the city of Goiânia, from the understanding of urban memory into construction and its imaginary. In this perspective, we made spacial snip in Civic Square, interpreting the main elements of its landscape, which is considered the inicial mark of the construction of the new capital of Goiás state in the 1930s. With this investigation, we realized that the Square it has symbols what assimilate the spatiotemporal interface in Goiânia through some monumental representations.

Keywords: Representations Monumental. Urban Landscape. Goiânia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de um estudo sobre o imaginário urbano em Goiânia, partindo de uma análise investigativa que procurou identificar os principais símbolos e representações da paisagem dessa cidade². Com o reconhecimento desses elementos, propomos algumas reflexões acerca da interface entre um espaço urbano parcialmente concebido através da execução de um planejamento moderno e a composição do imaginário da cidade.

¹Texto desenvolvido no projeto “As Praças e os Parques no Imaginário Urbano: Espaço Público, Arte Pública e Representações em Goiânia”.

² Esta pesquisa iniciou-se durante o período da graduação em Geografia através de Iniciação Científica realizada entre 2013-2015, desenvolvido no projeto: Cidade, Memória e Patrimônio – Interpretações em Espaços Simbólicos e Imaginários, Paisagens Monumentais e Cidades Históricas. O trabalho desenvolvido no âmbito deste projeto culminou na monografia: A Praça Imaginária – Representações Monumentais e Uso do Espaço na Praça Universitária em Goiânia, Goiás. Atualmente, tem se desdobrado estas reflexões no âmbito do projeto de pesquisa em andamento no mestrado em Geografia.

Nessa perspectiva, delimitamos o espaço e algumas representações monumentais que compõe a Praça Cívica, localizada na região central da cidade (figura 1), como principal referência para elucidação dos questionamentos apontados ao longo desse trabalho. A escolha do lugar como recorte para essa investigação deve-se ao fato de esse local ser considerado o marco que deu início aos trabalhos de construção da cidade de Goiânia no ano de 1933. Assim, podemos encontrar alguns símbolos que se relacionam a formação espaço-temporal da capital goiana.

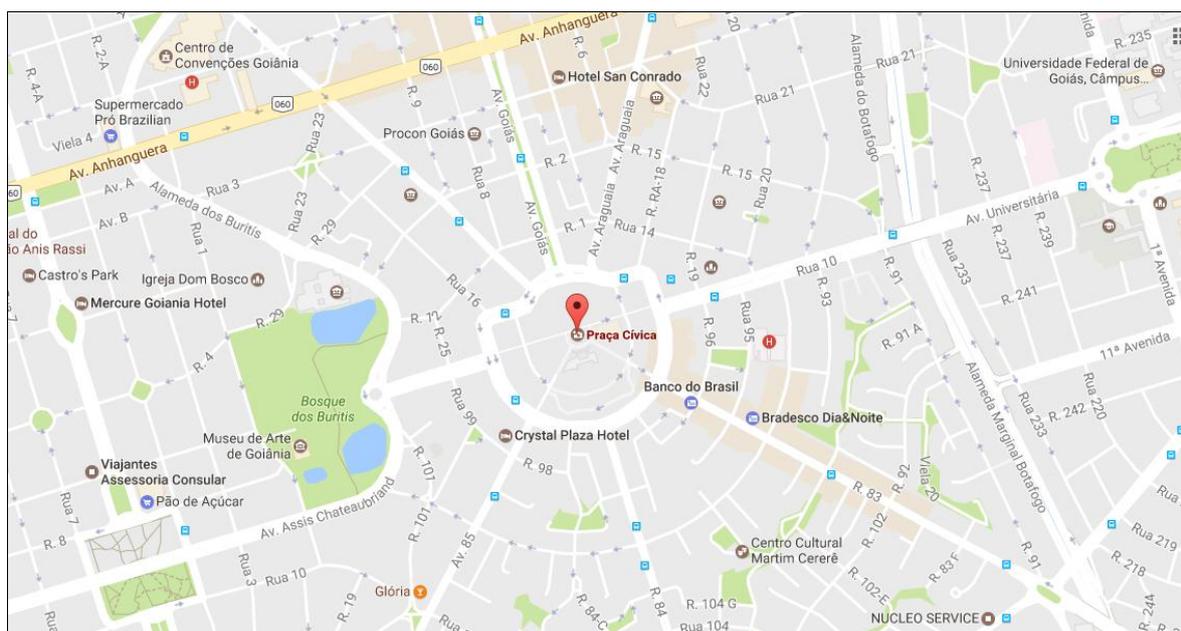


Figura 1: Mapa de Localização da Praça Cívica. **Fonte:** Google Maps, 2017.

Iniciaremos este estudo problematizando a relação entre a cidade e o tempo, considerando a premissa de que uma cidade (sobretudo as que assimilaram vários séculos de existência) retém em sua paisagem o acúmulo do tempo através dos indícios que evidenciam as diversas temporalidades, e que se eternizam em representações simbólicas que constituem o imaginário urbano. Nessa perspectiva, apontaremos também a relação espaço-temporal na cidade de Goiânia, considerando não ser possível identificarmos o acúmulo de diversas temporalidades, mas de uma memória em transcurso.

Logo após, apresentaremos uma breve contextualização histórica da cidade planejada, destacando as influências do urbanismo francês do século XIX na construção das cidades planejadas no Brasil, sobretudo suas implicações na edificação da cidade de Goiânia. Na segunda metade do trabalho, destacaremos algumas abordagens sobre o imaginário

urbano, compreendendo a atribuição de elementos simbólicos na produção e significação dos espaços.

Por último, apresentaremos nossas reflexões formadas a partir de uma análise interpretativa de algumas representações monumentais significativas na paisagem da Praça Cívica, no intuito de compreendermos quais símbolos e sentidos se relacionam com o imaginário em Goiânia. Buscamos através de uma atitude investigativa pela cidade, a *flânerie* urbana³ desenvolvida por Walter Benjamin (1989) na figura do *flâneur*, identificar as pistas que permitem refletirmos sobre a constituição simbólica desta metrópole: suas formas, seus tons, seu imaginário.

Nesse sentido, o ato de andar pela cidade através de um olhar sensível como o de um forasteiro que a desconhece, possibilita alcançarmos os artefatos que compõe a materialidade de sua paisagem, testemunhos produzidos em diferentes contextos e com múltiplas expressões, dispostos em seu horizonte.

A CIDADE E O TEMPO

Quando percorremos o espaço urbano de algumas metrópoles brasileiras, sobretudo daquelas cidades que já compreendem vários séculos de existência como São Paulo ou Salvador, deparamo-nos com uma miríade de vestígios que assimilam a sobreposição de camadas de diversas temporalidades e que testemunham as transformações de sua paisagem urbana ao longo do tempo. Nesse sentido, Freire (1997) afirma que nestas cidades sedimentam-se os resquícios ou as ruínas de tempos que se eternizam na memória individual e coletiva de seus cidadãos. As ruínas tratam-se dos suportes da memória urbana, os vestígios a serem investigados em sua paisagem.

Nesse contexto, as cidades com uma considerável historicidade apresentam uma solidez de elementos que são capazes de narrar sua trajetória, pois, em todo canto é possível entrarmos em contato com sua memória, através de vários registros eternizados em sua paisagem: casas, museus, praças, coretos, monumentos, igrejas. Segundo Abreu (1998) estes

³A *flânerie* urbana trata-se de uma visão interpretativa da cidade desenvolvida nos estudos de Walter Benjamin, utilizando a figura do *flâneur* - sujeito que perambula pelas ruas da cidade com o intuito de transformar o mais insignificante fato urbano em um grande acontecimento, em uma intensa experiência interior. Na perspectiva de Benjamin (1989), consideramos a *flânerie* um método de investigação urbana. A palavra *flanar* significa caminhar sem destino certo, andar sem rumo, de modo ocioso, sem coisas com as quais se preocupar: o *flâner* precisava sair sem rumo, simplesmente, flanando. Dessa forma, é preciso percorrer a cidade sem grandes pretensões, a fim de experimentá-la.

registros tratam-se dos suportes que ancoram as lembranças de um determinado lugar, ou seja, são os receptáculos que preservam a memória da cidade.

Ao analisarmos o percurso temporal da cidade de Goiânia, deparamo-nos com uma realidade díspar em relação às demais cidades consideradas históricas: esta por sua vez, possui um tempo-espaço ainda em transcurso, sendo ainda compreendida como uma capital recente com quase um século de duração. Esta condição relaciona-se com o tempo de surgimento e formação de seu espaço urbano, decorrente da implantação de um projeto político que idealizava a transferência e construção de uma nova capital para o estado de Goiás no início do século XX.

Tratando-se da condição tempo-espaço para o surgimento das cidades, Sposito (2008) a partir de uma perspectiva da ampliação do capitalismo na produção do espaço urbano, afirma que para entender a cidade contemporânea é preciso considerar todas as determinantes econômicas, sociais, políticas e culturais que desencadearam sua formação e transformação no passado. A autora também aponta que nesse sentido, há um processo contínuo de construção e desconstrução material dos espaços urbanos através das relações sociais que se estabelecem espaço-temporalmente: “A cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos.” (SPOSITO, 2008, p. 11).

A partir desta ótica, a produção do espaço urbano pode ser compreendida através das relações sociais que atuam sobre a cidade ao longo do tempo. Dessa forma, algumas referências na paisagem urbana apontam para esse processo cumulativo: talvez o contraste entre uma igreja do século XIX ao lado de um edifício erguido na contemporaneidade, possa ilustrar esta perspectiva. (figura 2).

Em relação à duração temporal e a produção do espaço urbano da cidade de Goiânia, talvez não seja possível identificarmos a sobreposição de várias temporalidades, pois, a cidade emergiu-se sobre a paisagem a partir de um marco zero. Esta condição difere-se da constituição de uma cidade histórica cuja materialidade é densamente sustentada pelo tempo, como observa Silva (2013, p.7): “o espaço figura como marca e testemunho do tempo, pois a cidade histórica alimentou-se de tempo”. Ao analisar o percurso da cidade de Goiânia, Silva (2013), também destaca que sua espessura temporal encontra-se em transcurso, configurando em uma densidade do conteúdo tempo-espaço com duração menor em comparação a outras cidades brasileiras consideradas históricas.



Figura 2: Crianças observam fotografias antigas da Igreja Nossa Senhora da Candelária ao lado de prédio residencial em Indaiatuba- SP. **Foto:** Marcos Rosa, 2012.

Na tentativa de compreender o impacto entre o surgimento de uma cidade planejada com as representações que se consolidam a partir da ausência de um marco temporal estabelecido, Silva (2010) cunhou o termo “cidade do tempo ausente” em um estudo sobre Palmas – TO, outra capital planejada no final do século XX.

Quando essa “ausência de temporalidade” é identificada em cidades projetadas, a batalha pelos símbolos e a relação estabelecida entre imagem e imaginário urbano se intensifica, ressemantizando valores culturais e estéticos. A cidade “em busca do tempo” forja uma memória para o futuro, ao mesmo tempo em que produz um denso e significativo imaginário social. (SILVA, 2010, p. 16).

Dessa forma, na ausência de um tempo referencial, emerge uma cidade do tempo ausente⁴, o que configura numa temporalidade espacial em transcurso nas cidades planejadas, diferentemente de uma cidade considerada histórica que assimilou em sua trajetória uma densa espessura temporal. Partimos então do pressuposto de que a identidade simbólica de uma cidade que surge a partir de um planejamento sofisticado como Goiânia, vai se consolidando através de uma busca pela significação do seu espaço urbano, através da construção de símbolos que vão dar sentido a sua materialidade.

⁴O conceito de cidade de tempo ausente quando relacionado às cidades planejadas compreende a espessura temporal dos espaços que se constituem paulatinamente, adensando ao longo dos anos os sentidos das paisagens. Segundo Silva (2010, p.43): “O tempo ausente, entretanto, não é um tempo abolido, mas sim um tempo que espera para “acontecer”, que espera para transcorrer. É um tempo da representação do tempo, por isso a intensa dialética entre presença e ausência – nas teorias das representações sociais, por exemplo, a “representação” é o que torna presente o ausente. Por tempo ausente, então, estamos compreendendo a compactação temporal que ocorre na cidade projetada e/ou planejada e implantada”.

Ainda sobre a relação entre a cidade e o tempo, partindo de uma perspectiva histórico-dialética, temos em Milton Santos a ideia de “rugosidades espaciais”. Esse termo compreende o papel que as heranças espaciais exercem em diferentes períodos históricos sobre os lugares. Para Santos (2006) as “rugosidades” representam o acúmulo de camadas na produção do espaço, ou seja, a construção e desconstrução de formas e funções dos lugares:

O que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. **Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares.** As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho. (SANTOS, 2006, p.91, grifos nossos).

Nesse sentido, as ‘rugosidades’ são as formas espaciais produzidas em momentos distintos e, portanto, possuem características socioculturais específicas, ou seja, a paisagem urbana pode ser compreendida através do reconhecimento dos resquícios e das camadas de diversas temporalidades que se sobrepõem. Nessa ótica, como sugere Freire (1997), investigar o imaginário de uma cidade requer o exercício de escavação sobre as ruínas de sua paisagem. Assim, compreendemos o imaginário da cidade como um acervo das camadas de diversas temporalidades, que são destruídas ou reconfiguradas pela sociedade. Sedimentam-se os resquícios, as ruínas, de tempos que se eternizam na paisagem das cidades.

A CIDADE PLANEJADA

Goiânia é uma metrópole que teve seu núcleo central planejado e construído no século passado, assentada num plano político que objetivou o rompimento com o passado para a consolidação da modernidade: “A mudança da capital passava ao seu significado mais global: um símbolo de ascensão ao poder, uma representação do progresso, do moderno, um divisor de águas entre o velho e o novo Goiás.” (CHAUL, 2009, p. 103). Além da prerrogativa da modernidade, também foi incorporada na construção da capital alguns princípios do urbanismo francês.

O conceito de urbanismo pode ser definido como uma ação qualificadora e transformadora do espaço urbano através da instrumentalização das ações ancoradas no tempo:

O urbanismo é uma operação cujo objetivo é a transformação do espaço visando uma melhoria estética e da qualidade de vida, transmitindo sensações de segurança e conforto. Define as regras de interligação entre os elementos construídos e as várias partes da cidade, ou seja, a forma urbana. Para além de um instrumento de projeto, o urbanismo é uma ação política, econômica e social, prolongada no tempo. (PORTUGAL, 2012, s/p).

Em outra definição para o conceito de urbanismo, Santos (2006) aponta que seu surgimento está relacionado ao crescimento desordenado de algumas cidades europeias durante o processo de industrialização com a necessidade de reordenamento do espaço urbano:

O Urbanismo é considerado como uma ciência que nasceu no final do século XIX, para o estudo, a organização e intervenção no espaço urbano, como prática das transformações necessárias à realidade caótica das condições de habitação e salubridade em que viviam os habitantes de grandes cidades europeias, na época da revolução industrial. (...) Surgiu para estudar e buscar soluções para os problemas da cidade, sendo esta um espaço em transformação permanente, que, no entanto se for observada durante um curto período de tempo pode parecer estática. (SANTOS, 2006, p.7).

A partir dessas definições, consideramos que o urbanismo trata-se, portanto, da aplicação dos conhecimentos técnicos que visam à organização e racionalização do espaço urbano. Em relação às concepções do urbanismo francês que influenciaram o plano de Goiânia, ao analisarmos sua perspectiva histórica, encontramos em Benevolo (2009) afirmações de que na segunda metade do século XIX nenhuma outra cidade europeia havia se transformado de forma tão rápida e intensa como Paris. Devido à poluição das fábricas e a feiura na paisagem provocada pelo crescimento desordenado, a capital francesa passou por uma série de intervenções comandadas pelo prefeito Haussmann. As medidas adotadas visavam a melhoria da circulação com a abertura de ruas, serviços sanitários e uma nova estrutura administrativa, estabelecendo uma imagem de modernidade numa cidade pós-liberal:

(...) a capacidade do prefeito Haussmann, o alto nível dos técnicos, a existência de duas leis muito avançadas: as leis sobre a expropriação de 1840 e a lei sanitária de 1850 permitem realizar um programa urbanístico coerente num tempo bastante curto: assim, a nova Paris demonstra o sucesso da gestão pós-liberal, e se torna o modelo reconhecido por todas as outras cidades do século XIX em diante. (BENEVOLO, 2009, p. 589).

Difundido então a partir do século XIX para outras cidades no mundo, na década de 1930 a construção de uma nova capital para o estado de Goiás adotaria os mesmos

princípios de ordenamento urbano. O traçado original da cidade de Goiânia proposto por Atílio Corrêa de Lima em 1933 estabelecia um centro radial composto de uma Praça Cívica com três grandes avenidas que convergiriam para aquela praça (Figura 3). Para Lima (1937) apud Daher (2003, p.90): “o zoneamento da cidade é feito procurando satisfazer as tendências modernas de localizar as diversas atividades da cidade em zonas demarcadas”.

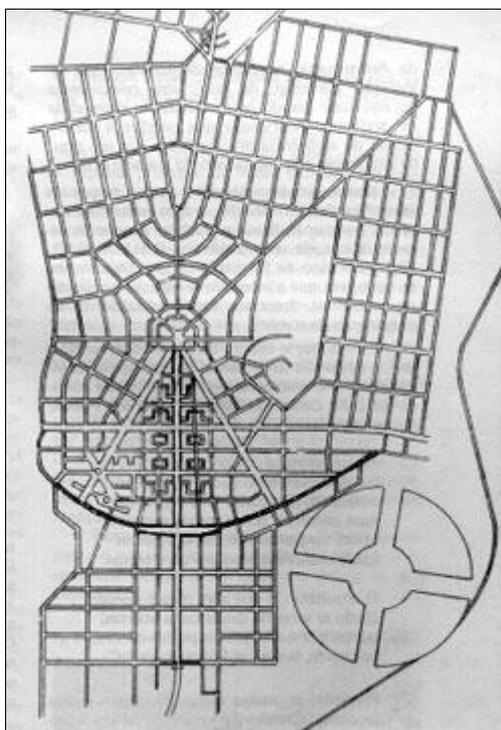


Figura 3: Plano original da cidade de Goiânia proposto por Atílio Correa de Lima
Fonte: <<http://www2.ucg.br/arq/urbano/5PlanoAtilio.htm>> Acesso em 19/02/2017.

Sobre o processo de planejamento da capital Goiânia, Daher (2003) destaca que ao ser contratado pelo governo do estado, o arquiteto Atílio Corrêa Lima: “segue criteriosamente a metodologia estabelecida pela escola francesa de urbanismo ao propor o plano de Goiânia”. (DAHER, 2003, p. 60). Seguindo então as influências do urbanismo francês, foram estabelecidas para a construção da cidade de Goiânia medidas que buscavam delimitar funções específicas ao espaço urbano:

O zoneamento da cidade é feito procurando satisfazer as tendências modernas de localizar as diversas atividades da cidade em zonas demarcadas a fim de não só melhor obter a organização dos serviços públicos como também para facilitar certos problemas técnicos, econômicos e sanitários, não falando aqui da questão estética. (LIMA, 1937, p.142, apud, DAHER, 2003, p.90).

Além da necessidade da construção de uma capital que atendesse as funções administrativas e políticas, o contexto para a construção da cidade de Goiânia também se

relaciona fortemente, com o discurso do progresso e da modernidade presentes na Marcha para o Oeste⁵: “A modernidade, sinônimo de progresso à época, era o manto que cobria a mudança da capital (...) em suma, Goiânia foi edificada sob o prisma da modernidade”. (CHAUL, 2009, p.104).

Nessa perspectiva, considerando a duração do tempo-espaço em uma cidade planejada como Goiânia, chegamos aos questionamentos: como se relacionam os conteúdos da paisagem com a consolidação da memória urbana? Quais são os acervos materiais e simbólicos que direcionam para a compreensão de seu imaginário?

Com estes questionamentos, buscamos identificar na paisagem urbana de Goiânia os principais elementos que direcionam para a compreensão de seu imaginário, tendo como principal referência de análise a área que compreende a centralidade da cidade, especificadamente o espaço da Praça Cívica⁶. Este local, além de congregar vários prédios administrativos da capital goiana, possui também algumas representações monumentais significativas em sua paisagem.

O IMAGINÁRIO DA CIDADE

A cidade é por excelência o lugar onde se convergem vários símbolos e signos que dão forma e sentido a sua materialidade. Para Pesavento (2002) esta materialidade compõem as representações do imaginário urbano, através de um: “sistema de ideias e imagens de representação coletiva, que teria a capacidade de criar o real” (PESAVENTO, 2002, p. 8). Nesta perspectiva, a cidade é marcada por múltiplas visões e imagens dos sujeitos através de suas experiências com os espaços.

Tratando-se da cidade como campo de investigação, Pesavento (2002) também afirma que o estudo do imaginário efetiva-se através de uma visão empírica sobre a paisagem urbana: “Neste contexto, se a cidade se impõe como problema e, portanto como tema de reflexão e objeto de estudo, ela se oferece como um campo de abordagem para os estudos

⁵A denominada "Marcha para o Oeste" foi um projeto dirigido pelo governo do presidente Getúlio Vargas no período do Estado Novo, com o intuito de desenvolver o interior do Brasil. A política do governo Vargas baseava-se na ocupação dos vazios demográficos por meio de absorção dos excedentes populacionais que faziam pressão no Centro-Sul do país, encaminhando-os para áreas que produziam matérias-primas e gêneros alimentícios a baixo custo para subsidiar a implantação da industrialização no sudeste brasileiro.

⁶ Considerada o marco inicial da construção da cidade de Goiânia no ano de 1933. No plano urbanístico de Goiânia, o arquiteto Atílio Correa de Lima desenhou o Centro Cívico na parte mais alta da futura cidade, permitindo visibilidade e estratégia do Palácio das Esmeraldas (residência oficial do governador de Goiás) e acesso aos setores habitacionais e comerciais. Em seu aspecto funcional, o espaço foi projetado com recintos de convivência. A parte restante foi destinada à circulação viária com a função de conectar os futuros setores da cidade e, ao mesmo tempo, facilitar o acesso aos edifícios administrativos.

recentes sobre o imaginário social” (PESAVENTO, 2002, p. 8). Dessa forma, compreendemos que a cidade é indispensável ponto de partida para a compreensão da relação entre as representações monumentais e seu imaginário.

Na perspectiva da cidade como um acervo de imagens disponíveis aos sujeitos através de suas representações, Freire (1997) afirma que: “como o imaginário, as representações são construídas a partir das memórias, fantasias, concepções tanto individuais e coletivas.” (FREIRE, 1997, p. 116). Com esta premissa, julgamos que a elaboração individual ou coletiva de imagens e as narrativas sobre os espaços urbanos é a essência para composição de seu imaginário.

A partir dessas visões, buscamos identificar elementos que apontam para a compreensão do imaginário e a constituição da memória urbana, mesmo que esses referenciais estejam em processo de consolidação. Nesse contexto, acreditamos que a cidade é por excelência lócus da elaboração de vários signos e sentidos, que ao se convergirem, conferem significados aos conteúdos que compõe o imaginário urbano. Concordando com Pesavento (2007) são atribuídas pelos sujeitos aos espaços urbanos diversas imagens que resultam de suas experiências e sensibilidades em uma busca pela significação dos espaços:

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p.14).

Dessa forma, podemos identificar nos espaços da cidade elementos simbólicos que são produzidos na tentativa de legitimar o traçado urbano e constituir uma temporalidade, mesmo que esteja emergindo de um marco zero. A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre os principais símbolos urbanos em Goiânia relacionados ao imaginário e a construção da cidade na busca por significação de um espaço em desenvolvimento.

REPRESENTAÇÕES EM GOIÂNIA

Mesmo possuindo um forte apego a constituição da modernidade, - uma característica presente nos discursos políticos que culminaram na construção das cidades brasileiras planejadas, sobretudo no século XX-, Goiânia também apresenta em sua paisagem representações que evidenciam um imaginário relacionado ao passado de um Estado

fortemente arraigado em suas tradições culturais. Nessa perspectiva, apoiamo-nos em Chaul (2009) ao afirmar que:

Goiânia mesclava o urbano e o rural, expressava a modernidade e o progresso. Tratava-se de uma mentalidade urbana com os pés plantados em solo rural. Tal mesclagem (urbano rural) pode, até os dias atuais, ser notada nas várias facetas da cidade que se tornou Goiânia. (CHAUL, 2009, p. 107).

Por meio dessas considerações, podemos compreender uma interface entre o surgimento de um espaço urbano que teve seu núcleo central planejado com o peso de suas representações. Nessa perspectiva, Chaul (2009, p.109) também afirma que: “Goiânia se prestava à formação de imagens de toda ordem. Era sempre representado pelo moderno devido a sua arquitetura arrojada, seu planejamento urbano, seu traçado contemporâneo”.

Sendo considerada a primeira edificação da cidade de Goiânia no ano de 1933, a Praça congrega os principais prédios administrativos do governo estadual e abriga significativos monumentos em seu interior. Inicialmente marcada por intensos atos políticos e comemorações cívicas, na atualidade o local também é palco de várias apresentações artísticas e culturais, tornando-se uma importante referência da cidade. No ano de 2015, foram realizadas algumas alterações pela administração municipal com o intuito de refuncionalizar seu espaço:

Esta ação de revitalização da Praça Cívica, atual Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira, parte da premissa de trazer novamente ao público em geral o convívio e a utilização da mesma, como em seus primórdios. Tal ação é parte da revitalização e restauração da arquitetura original da Capital, com base nas características históricas de sua própria fundação. (AZEVEDO, 2016, p.30).

Dentre as principais alterações observadas após a reconfiguração da Praça Cívica em 2015, destaca-se a alteração⁷ do local de instalação da escultura que homenageia o principal responsável pelas articulações que culminaram na construção da cidade de Goiânia na década de 1930, o interventor do Estado Pedro Ludovico Teixeira (figura 4).

⁷ A estátua que também nomeia oficialmente a Praça encontrava-se disposta até meados do ano de 2015 ao lado do principal prédio público de Goiânia, o Centro Administrativo do Estado de Goiás, que também é conhecido por Palácio das Esmeraldas. Após revitalização do espaço no ano de 2015, o monumento foi reimplantado na parte central da Praça, recebendo um pedestal mais elevado que o anterior, destacando-se inegavelmente na paisagem do local.



Figura 4: Monumento a Pedro Ludovico Teixeira. Autora da Obra: Neusa Moraes.
Fotos: Rafael Caique S. S. Arantes. Imagens comparativas registradas em 2014 (lado esquerdo) e em 2016 (lado direito).

Compreendemos que esta representação está relacionada à constituição de uma memória oficial em Goiânia, pois, evidencia um ator social vinculado ao legado de construção da cidade. Tratando-se da afirmação ideológica deste monumento, Arantes e Silva (2015) também observam que em Goiânia boa parte das esculturas instaladas pelo poder público legitima a construção dessa memória oficial:

A memória escultural configura-se neste sentido, como a busca dos sentidos e símbolos ligados à própria história de construção da cidade, e os atores sociais envolvidos nesse processo, referenciais temporais que articulam espaço e poder ideológico. (ARANTES, SILVA, 2015, p. 4).

Apesar da sobreposição de elementos que caracterizam uma memória de cunho histórico e político em Goiânia, encontramos também representações que possuem significados com expressões emblemáticas. Do outro lado da Praça Cívica, por exemplo, deparamo-nos com um monumento implantado no âmbito das alterações promovidas na Praça no ano de 2015. Trata-se de uma obra bastante peculiar, que representa uma espécie de caleidoscópio (figura 5) no formato de chapas espelhadas.



Figura 5: Carajás. Autoria: Siron Franco. **Foto:** Rafael Caique S. S. Arantes, 2016.

Dentre os possíveis sentidos que podem ser atribuídas a esta representação, Azevedo (2016) afirma que este monumento simboliza um vínculo entre o passado, a contemporaneidade e o futuro da sociedade goiana, através de figuras que retratam indígenas, adultos e crianças, além das próprias imagens da paisagem da Praça Cívica que são refletidas no espelho.

Constatamos que em um dos lados da obra, o espelho reflete as figuras que representam os índios Carajás, e o reflexo destas figuras sugere um vínculo relacionado ao passado e a ancestralidade goiana. Verificamos também que os reflexos dos transeuntes que passam pelo local e os demais elementos da paisagem ao serem projetados no espelho provavelmente se tratam de uma alusão que simboliza a contemporaneidade. Do outro lado, as figuras em formatos masculinos e femininos na obra, sugerem um retrato da sociedade goiana que é refletida para o futuro.

Com essas possíveis interpretações, compreendemos que essa representação assimila uma interface espaço-temporal em Goiânia, pois, apresenta uma articulação entre o passado e a modernidade, e ainda projeta a cidade para o futuro. Essa constatação também é evidenciada em parte do discurso de inauguração da obra feito pelo prefeito da cidade:

Ela é um espelho do nosso passado, dos nossos ancestrais Carajás, e naturalmente também projeta o futuro, porque ela vai espelhar tudo aquilo que será exposto à sua frente. Então, esse foi um momento simbólico extremamente importante. É definitivamente a tentativa de construção de base para um desenvolvimento sustentável da nossa cidade. (GARCIA, 2015, s. p).

Entre o discurso e a investigação in loco, percebemos que a paisagem da Praça Cívica é marcada por uma multiplicidade de elementos que conferem sentidos á sua materialidade, e que constituem o imaginário urbano. Dessa forma, a legitimidade do espaço urbano de Goiânia relaciona-se com as referências do passado, através dos reflexos do tempo presente e de sua projeção para o futuro.

Nessa perspectiva, Silva (2010, p.16) aponta para um espaço do tempo ausente em uma cidade que está em busca de seu tempo: “A cidade “em busca do tempo” forja uma memória para o futuro, ao mesmo tempo em que produz um denso e significativo imaginário social.” Por esse ângulo, concordamos que há uma busca por uma temporalidade em Goiânia por meio de uma interface dos conteúdos espaço-temporais em suas representações monumentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrer os espaços de memória da cidade é tarefa indispensável para a identificação das representações monumentais e compreensão de seu imaginário. Nessa busca, é preciso se ater aos principais elementos (formas, cores, texturas, movimentos) que formam a materialidade urbana, através de um olhar sensível sobre sua paisagem.

Os vestígios de uma cidade que assimilou em sua paisagem a passagem e o acúmulo de várias temporalidades são testemunhos de suas intensas transformações: constituem um arcabouço da memória urbana. Mas, diferentemente de uma cidade considerada histórica que compreendeu uma densa duração do tempo, Goiânia ainda atravessa quase um século de existência. Nas palavras de Chaul (2009, p.100): “Goiânia nasceu para ser capital, nasceu sem infância histórica, sem adolescência interior, madura demais para tão pouco tempo de criação”.

Goiânia é uma capital que surge de um projeto arrojado, numa tentativa político-econômica de romper com o “atraso” da antiga capital do estado Vila Boa de Goiás, e, dessa forma, inserir o estado de Goiás na agenda do progresso. Contudo, a cidade que assimilou em sua constituição vários elementos que afirmam o discurso da modernidade, não perdeu suas referências do passado. Representações que vinculam a cidade aos seus primórdios, evidenciando o legado de atores sociais na sua construção, bem como uma mescla de outras temporalidades refletidas em um caleidoscópio espelhado, também são marcos em sua paisagem.

Dessa forma, vão se constituindo os espaços de memória pela cidade, que é marcada pela multiplicidade de olhares e narrativas que definem os conteúdos simbólicos do passado, do presente, e, até mesmo de um tempo póster, numa interface que assimila a duração espaço-temporal e a constituição de seu imaginário.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. **Sobre a Memória das Cidades**. Porto Alegre: Revista da Faculdade de Letras, 1998, vol. 14, p. 1-22.

ARANTES, R. C. S. S.; SILVA, V. C. P. **Paisagens Monumentais em Goiânia: Representações do Imaginário**. In: XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana: Fortaleza, 2015, p.1-19.

AZEVEDO, R. S. **Espaço de Memória: Requalificação da Praça Cívica**. Trabalho de Conclusão de Curso. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás, 2016.

BENEVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIM, W. **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989, vol. 3.

CHAUL, N. F. **Goiânia: A Capital do Sertão**. Goiânia: Revista UFG, 2009, n. 6, p.100 -110.

DAHER, T. **Goiânia, Uma Utopia Europeia no Brasil**. Goiânia: Instituto Brasileiro de Cultura, 2003.

FREIRE, C. **Além dos Mapas - Os Monumentos no Imaginário Urbano Contemporâneo**. São Paulo: ANABLUME/SESC/FAPESP, 1997.

GARCIA, P. **Prefeito quer nova Praça Cívica como presente pelos 82 anos da Capital**. Portal da Prefeitura de Goiânia, 2015. Disponível em: <<http://www4.goiania.go.gov.br/portal/pagina/?pagina=noticias&s=1&tt=not&cd=6842&fn=true>> Acesso em: 20/05/2016.

LIMA, A. C. **Goiânia - Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: 1937. In: DAHER, TANIA. **Goiânia, Uma Utopia Europeia no Brasil**. Goiânia: Instituto Brasileiro de Cultura, 2003.

PESAVENTO, S. J. **O Imaginário da Cidade- Visões Literárias do Urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, 2. ed.

_____. **Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias**. São Paulo: Revista Brasileira de História, 2007, v. 27, n. 53, p.11-23.

PORTUGAL. **Definição de urbanismo**. Portugal: Revista Online de Arquitetura, 2012, s/p. Disponível em: <<<http://www.arquiteturaportuguesa.pt/definicao-de-urbanismo/>>> Acesso em: 24/02/2017.

SANTOS, J. L. C. **Reflexões Por Um Conceito Contemporâneo de Urbanismo**. Revista Malha Urbana, 2006, n. 3, p.2 – 24.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 4. ed.

SILVA, V. C. P. **Palmas, a Última Capital Projetada no Século XX: Uma Cidade em Busca do Tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. **Goiânia - um mosaico imaginário: Micro – Tempo - Territorialidades**. Presidente Prudente: Caderno Prudentino de Geografia, 2013, v. 35, p. 6-25.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.